

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

SOCIEDADE DE S. VICENTE DE PAULA.



Quando o espirito da caridade christã se erige glorioso sobre a cupula de um monumento erigido á beneficencia, folga a humanidade; e a miseria foge espavorida para deixar o campo de suas desolações ao bem-estar domestico, no qual o riso esgota o pranto, e o prazer abafa a dôr. Então a consciencia do instituidor pio se expande em suave exhalção da alma sobre a humanidade inteira. Deus registra o facto no grande livro da eternidade, e os Anjos annunciação pela boca da fama a virtude do Christão para gloria do Senhor.

Sobre o monumento da pia Sociedade de S. Vicente de Paula tremula em branco pavilhão um nome, que a cada momento repetem os filhos da miseria e da pobreza que ahí se abrigão entretidos em alegre folguedo, ao tempo que as mães de natureza trocáo o suor pelo pão, e as mães da sociedade, essas a quem a sorte fora mais propicia, prodigalisão os thesouros de desinteressada caridade e ingenua ternura aos filhinhos que adoptarão.

Esta Sociedade não é, felizmente, uma fantasia: sua existencia é uma realidade cuja duração consideramos garantida pela directoria composta de senhoras distinctas por tantos titulos nobres e grandes, porém ainda mais pelo sublime brasão da caridade evangelica que a sociedade inteira lhes confere.

Senhoras, vós mostrais haver comprehendido que a mulher, a obra mais perfeita e delicada do Creador, deve tambem ser a que mais o deva imitar. A palavra magnetica e insinuante da Religião é a — Caridade —; vós a exercéis, senhoras; imitais a Deus na caridade e no amor da humanidade, e dest'arte demonstrais praticamente que — o mundo só tem duas verdades, — o amor de Deos e o amor da mulher.

Deus vele sobre as vidas das Exm.^{as} senhoras directoras da Sociedade de S. Vicente de Paula; e, na hora do passamento, risos tão meigos como suas almas, pairando em seus labios semi-vivos, aceitem o cantico suave dos anjos que applaudirem a sua acquisição para o reino da Gloria Eterna.

E vós, senhoras, que vos dignais ser nossas assignantes, aceitai neste artigo traçado com todo o fervor do nosso coração o convite especial que vos dirigimos em nome da Directoria da Sociedade de S. Vicente de Paula, composta das Exm.^{as} Sras. D. Carlota Guilhermina de Lima e Silva — Marquessa de Caxias — D. Maria Eufrazia Lisboa, para tomar parte em tão pia instituição, certas de que os filhos desvalidos elevarão até ao Céu fervorosas preces em favor das caridosas fluminenses.

A REDACÇÃO.

EXPLICAÇÃO DO PADRÃO DE BORDADOS.

- N.º 1. — Abecedario moderno — Bordado de ponto real.
 N.º 2. — Fundo de touca — Bordado inglez.
 N.º 3. — Primeiro lado da touca, no mesmo bordado.
 N.º 4. — Segundo lado da touca, no mesmo bordado.
 N.º 5. — Camisinha de collarinho — Bordado brasileiro.
 N.º 6. — Collarinho festão da camisinha, no mesmo bordado.
 N.º 7. — Tira em bordado inglez.
 N.º 8. — Bordado feito com trançelim.
 N.º 9. — Bordado de ponto real.
 N.º 10. — Canto de lenço — Bordado brasileiro, ponto real, e festão.
 N.º 11. — Tira, bordado inglez e festão.
 N.º 12. — Entremeio de bordado inglez.
 N.º 13. — Tira bordada a ponto real.
 N.º 14. — Tira de bordado inglez e festão.
 N.º 15. — Meio de lenço bordado a ponto real.
 N.º 16. — Firma bordada a ponto real.
 N.º 17. — Bordado festão.
 N.º 18. — Nome bordado a ponto real.
 N.º 19. — Firma bordada em festão.
 N.º 20. — Firma bordada a ponto real.
 N.º 21. — Firma em bordado inglez.
 N.º 22 e 25. — Nomes bordados a ponto real.

* A JARRA QUEBRADA.

(ROMANCE EM ESBOÇO.)

S

Nunca vi, nem ouvi erriada de comedia que tivesse mais graça, espirito e vivacidade do que Aurelia, uma rapariga ao serviço de certa viuva do meu conhecimento. Seus olhos são vivos e penetrantes como os do lynce; o sorriso tinha feito uma moradia fixa nos seus labios, e nada havia que lhe alterasse o gemio alegre e folgazão; era em tudo e por tudo o opposto de sua ama, que, por deferencia, chamarei simplesmente D. Georgina; esta conservava-se sempre silenciosa, melancolica e sombria, como convém ser nos primeiros tempos da viuvez.

Sem me dar ao trabalho de esboçar physionomias, eusas e costumes, das poucas personagens que entrão em scena no pequeno drama que, á imitação, sabe dos bicos de minha desconhecida penita, permittia-se-me que entre logo no andamento do enredo que entrem engendrou, e que desfiguradamente hoje apresento á leitura de quem já tem apreciado obras perfectas e completas.

Assim pois, erga-se o panno da boca do theatro, e supponha a leitora que tem diante de si uma bella chácara do aristocratico bairro do Catete; o edificio é construído no recinto de um terreno preparado por mão de mestre na agricultura, e circundado de espessa muralha fechada pelo lado da rua por duas janellas engradadas e um portão de ferro, que lhe serve de entrada.

Aurelia está de pé no meio da sala, e tem em uma das mãos um espanador, e na outra um bichete aberto. Supponho inútil dizer qual dos dous objectos lhe merece mais attenção: o bichete encerra uma declaração tão terna que ella já o leu pela decima vez agitando machinalmente o espanador, e sem olhar para o que faz. Que grande dose de imprudencia! se para um lado applica os cinco sentidos, para o outro em-

prega toda á negligencia; e quando senão quando eil-a collocada entre duas desgraças!

Porém, como não se pensa no perigo senão depois de realisado, uma linda jarra de alabastro que está sobre a mesa cahê e vóa em pedaços pelo soalho! Agora vê-se a pobre em apuros; o mal está feito, e para remedial-o, não e qual-quer que lhe pôde applicar os meios.

Arrancada as delicias da interessante leitura, Aurelia contempla o desastre que a sua criminosa distraçáo acaba de causar, e não tendo a quem dirigir-se falla consigo mesma.

— Meu Deus! que dirá a senhora? Um par de jarros desirmanado por este maldito espanador!...

O negocio é serio, e tanto mais que aquelle mimo fora dado á D. Georgina por seu marido, e Aurelia conhece o afêro que sua ama tem a tudo que lhe faz lembrar o querido defunto!

— Von ser ralhada, esbordoada, e quem sabe se despedida, diz ella perdendo por um momento o ar jovial e risinho que lhe era costumeiro; porém, tornando para logo ao seu natural, accrescenta com malicia: — Se me fosse possível arrumar este fardo ás costas de alguem!...

A leitora dirá sem duvida que semelhante intenção nada tem de caridosa, o que agrava ainda mais o delicto; mas ali não ha quem possa carregar com a responsabilidade; ninguém tinha entrado na sala, e é de presumir que ninguém entre antes de D. Georgina.

Em taes collicas é que convém ter espirito e desembaraço: Aurelia reflecte um pouco, e de repente seus olhos brilhão, o sorriso desabrocha de novo em seus labios por um instante empallidecidos, e ella exclama com alegria, dando uma palmada na testa:

— Oh! que bella idéa!

Se o pensamento é rapido, a execucao dobra de velocidade:ahi corre ella ao jardim, spanha uma pedra, sobe á sala, quebra ao acaso um



LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue Richelieu, 97.



*Chapeaux de la 5^e Avenue, Ste. Elixabeth, Maison de St. Pierre, Petite St.
 Croix, de St. Maurice, Couronneries des Trappistes de St. Omer, Bonnetiers
 et Bonnetiers de Richelieu, Bayard, Couronneries de St. Clément, Bonnetiers de Gelle aine*

LONDON at the Review Office, 15, Abchurch Lane, NEW-YORK, E. B. Spang & Co.

vidro da janella, e colloca a pedra no meio dos cacos da jarra. Em dous minutos dá a entender que o accidente veio da rua.

Este pensamento parece verosímil, mas tambem não deixa de ser muito sensato que não se quebrão vidraças á tóa; e D. Georgina não é tão simplória que desconheça a astucia. — Vamos lá, minha menina, aperfeiçoe a sua idéa; esta pedra de nada vale se não fór revestida de um pretexto plausivel.

— Bellol diz a engenhosa criada tendo sempre entre os dedos o fatal bilheteinho; aqui tenho um vestuario para a pedra: como não traz assignatura, nem o meu nome, serve bem para qualquer outra pessoa. Graças a Deus que já vi um homem de juizo!...

Com effeito o tal papel encerrava apenas uma d'essas declarações apaixonadas, porém vagas e sem designação; Aurelia podia sacrificar o sem remorsos, principalmente sabendo de cór o seu conteúdo, e não ignorando que: *— costeira que faz um cesto, faz um cento. Enrole-se pois a pedra na amorosa epistola, e arme-se assim n'uma ratoeira, que algum dia fará a fortuna de quem n'ella ficar prisioneiro.*

§

Ha meia hora talvez que está tudo disposto d'esta maneira, quando D. Georgina entra na sala, triste e solitaria, como de costume. Apesar do luto fechado que traça, a elegancia de seu porte e as graças de seu rosto não estão anuviadas; é bella como deverião ser todas as viúvas ricas que contão menos de 25 annos. No primeiro volver d'olhos dá logo com o desastre, e o pesar que lhe inspira a jarra quebrada é succedido pela colera que sente ao ler o prosaico bilhete.

— É crível! murmura ella, que me escrevão cousas semelhantes?... E como duvidar que este bilhete não seja para mim, se o vejo em minha casa?...!

O que mais a offendia na tal declaração era o estylo que lhe parecia de requintado arroj; se fosse escripto em termos submissos, por sem duvida produziria menor effeito. E porque uma senhora que pertence á alta sociedade, sendo atacadada como se fizesse parte da classe dos servidores, não pôde dar plena amnistia a uma injuria d'esta ordem, e nem ao menos lançal-a ao indifferntismo ou ao desprezo, convém que se saiba a todo o custo quem é o insolente que tão pouco a conhece.

Começão as suspeitas, nasce a desconfiança, e com ella a presumpção do acerto: isto é obra de alguma visinho, portanto descubra-se d'entre elles o autor do crime.

Em frente da chacara ha quatro casas cujos moradores nunca occuparão a attenção de D. Georgina; é justo então que pela primeira vez sejam passados em revista, empregando-se aquella cautela que só uma senhora tem na grande arte da espionagem. A janella que forneceu passagem ao bilhete sem vergonha, dava para a rua, e a direcção que tomou o projectil era opposta á occupada pelos visinhos do lado do mar; não obs-

taute, como a revista deve ser geral, e por detraz da cortina que a esconde, D. Georgina pôde penetrar mais algum segredo além d'aquelle que tão singularmente se lhe queria revelar; corre os olhos por toda a vizinhança, e começa o seu exame pelo primeiro edificio á esquerda.

Morão ali uma inglesa, já madura e desdentada (o que é difficil de encontrar-se) e duas filhas: é gente que vive só e em completo retiro; sua ambição limita-se a voltarem á Inglaterra logo que tenham noticia de que o parlamento aboliu o imposto da lenha.

Na segunda habita uma familia honesta composta de pai, mãe, e sete filhos, sendo que o mais velho d'estes tem 11 e 12 annos de idade.

O terceiro acha-se com escriptos, e desde muito tempo que está para alugar. Esta casa, segundo affirmão as velhas e beatas do bairro, se não é, já foi encantada; hoje porém que se não acredita em almas do outro mundo, é fama de que o proprietario, homem soezido e avarento; além de exigir um aluguel despropósito, quer que o inquilino pinte e beneficie o prédio.

Na quarta casa... quem morará ali? Tão obliqua é a linha de mira tirada da janella que agora serve de guarita, que D. Georgina nunca para lá olhou! Esperem... ali chega á sacada um rapazão que, na gyrria das moças, não é nenhuma asneira. A espiona eureka-se na cortina, e reprime a respiração, como se á cincoenta passos fosse ouvida; mas qual! o sujeito nem ao menos olha para a atalaja! Depois de encostar os cotovellos ao parapeito da grade, passa a mão pelos compridos cabellos castanhos, e firma a vista na abobada celeste!

— É manha, pensa a atilada viuva; quer fugir e occultar a peça que pregou-me! Deixem-n'o commigo que lhe armo o laço!

Entretanto o rapaz olha sempre para o Céu, e um quarto d'hora assim se passa com grande pasmo de D. Georgina. Ella ignora que seu visinho é poeta, e n'aquelle occasião procura uma rima rebelde que mais de uma vez lhe escapára no seu gabinete.

Sim, senhora; Edlstrudo não é mais do que um poeta, e poeta desconhecido; porém em compensação possui um semblante expressivo e agradável.

D. Georgina tem tempo de sobra para examinar aquella physionomia calma e distraída, que embriaga-se na contemplação do espaço aereo, e quando suppõe que o manjeio posto em pratica pelo versejador vai trahil-o, ell-o que se retira sem olhar um momento para a janella donde espiavão todos os seus movimentos. Esta retirada explica-se assim: ou elle a final achou a rima, ou desesperou de encontral-a no firmamento.

— É singular! pensa ainda D. Georgina esquecendo um pouco o seu resentimento.

E espera ainda um quarto d'hora, sem que Edlstrudo torne a apparecer: sem duvida alguma está a braços com a inspiração.

Entretanto, diz a linda viuva, não pôde ser senão elle; nenhum outro visinho tenho capaz de semelhante temeridade!

E para logo corre a examinar o vidro que-

brado. Mais uma prova confirma a sua suspeita: a fractura era feita do lado opposto ao mar, e no caso contrario a pedra não quebraria a jarra no lugar em que se achava; logo, não foram os vizinhos da esquerda que a minosearão, mas sim Edeltrudo, embora procure disfarçar.

Por estas e outras que taes, nunca desejei ser poeta, nem ter vizinhas; casadas, solteiras ou viúvas, bonitas, feias ou remedidas, todas ellas tem uma queda particular e especial para o azeite, ou cousa que o valha!

§

D. Georgina tocava o undecimo mez de sua viuvez, e portanto propicia era a occasião de se lhe dar abordagem. Entre a dor e as saudades que acabrunhavao sua alma, lá se abria um cantinho optimo para a consolação. Feliz d'aquelle que, se lhe offerecendo como inquilino, soubesse aproveitar-se das vantagens! Sem queimar uma escorva contra os postos avançados, seria em pouco tempo senhor da praça inteira!

O acaso, motor de todo esse trama, conduzia pela mão o tristonho poeta, e o collocava em scena. Tudo lhe prognosticava uma famosa reputação, começando pela insolencia da epistola, e terminando na ignorancia que dava á sua conducta os attractivos de um problema a resolver pela encantadora viúva, que, como boa mathematica, queria absolutamente achar o valor da incognita.

Um namorado commum, um d'esses que chegam pelas estradas já batidas e cursadas, d'estes que sempre empregao as mesmas e aborrecidas estrategias, infallivelmente teria um — não — para despedida e recompensa; por maiores prodigios e invenções que fizessem, por mais figuras e florões rhetoricos que empregassem, seriam logo e logo recambiados. Mas um mancebo, que declara o seu namoro ás pedradas, que quebra vidros e jarras para attrahir a attenção do objecto amado... oh! oh! esse deve merecer toda a consideração: é uma qualidade de fazenda que no mercado de Cupido passa por contrabando.

A historia do coração de uma mulher deve registrar mais este facto, como a Grega apressou-se em fazer ao afamado incendiario, que lançou fogo ao templo de Diana para obter a gloria que, nem pelas artes, nem pelas sciencias, se lhe podia doar!

O que tornava esta aventura mais picante, era o contraste que existia entre a suave e meiga physionomia do mancebo, e o tom atrevido do bilhete; era a inqualificavel contradicção de sua attitudé tão tímida com o seu temível e ousado proceder. Quando D. Georgina chegou no dia seguinte á janella, elle apenas arrojou-se a olha-la furtivamente e com tal acanhamento, que dir-se-

hia um collegial que pela primeira vez tñha entrada na sociedade; e no entanto, ao ver da bella, era o proprio que expedia-lhe uma carta de namoro com crime de arrombamento e outras circumstancias aggravantes!

Edeltrudo, entretanto, não se achava tão entregue as divinas e poeticas inspirações que fosse insensivel ás cousas terrestres: abandonava algumas vezes suas contemplações celestes para occupar-se um pouco do que se passava pelas regiões terrenhas. A inspiração, quem sabe? tanto podia ser encontrada na terra como na lua, principalmente quando sua vista se fitava na formosa vizinha. E isso é tão natural! porque quantas vezes uns lindos olhos produzem maior somma de poesia do que todas as estrellas por mais curvascantes que sejam?!

— Ali a tenho, murmura elle encarando-a com um excesso de atrevimento que nem sabia explicar; eil-a, a musa que desejava invocar, o anjo que devia inspirar-me! Mas... querára ella dar-me ouvidos? a mim, pobre verzejador ainda em embrião? E' tão enorme a distancia que nos separa!...

E Edeltrudo, entristecido por estas reflexões, volvia de novo aos seus astros! esses, pelo menos, não lhe darião um desenganho completo.

Se elle soubesse a que ponto tñham chegado os seus negocios para com Georgina!... Reconheceria então que essa distancia era apenas de dez ou quinze braças que separavão as duas moradias. E se não, vejamos.

D. Georgina, ao approximar-se o verão, tornou-se incomprehensivel. Ora, abrazava-se em tão forte calma que mandava abrir todas as janellas, e languida, frouxa como a haste da flor curvada aos raios do sol, sentava-se ao seu piano, collocado em posição de ser visto pelo adorador dos planetas, e ahi fazia vibrar apaixonadamente o melodioso taclado; ora, fugia sentir tão excessivo frio que, fechando-se no interior de sua habitação por dous ou tres dias, ninguem a avistava.

Edeltrudo ficava boquiaberto, e não mettia o dente na decifração desta charada, na interpretação desses arrufos misturados de semelhantes estímulos!

Todas as vezes que vinha á sala, D. Georgina olhava logo de redor de si, e procurava um outro objecto quebrado, porém Aurelia tinha tomado taes precauções, que o accidente nunca mais se renovou. E assim continuou a preciosa jarra a jazer na orfandade com bastante magoa da compassiva castella!

Ah! Petrona Petrona! e dizem que o teu conto não passa de fabula, dizem que a matroua do Epheso é um fantasma gerado pela tua prodigiosa imaginação!...

(Continúa.)

POESIA.

EU VI-TE.

Eu vi-te, e estavas tão bella
Como uma lucida estrella
Brilhando n'um céu de anil:
Tinhas o ar contristado
Um—que—de triste e magoado
Nas linhas do teu perfil.

Mas, mesmo tão tristesinha,
Com tua face coradinha,
Estavas tão linda assim....
Que eu confesso o meu desejo,
Quiz perguntar-te n'um beijo;
Se tu pensavas em mim.

Loucura minha — perdóa,
Costumo dizer á tóa
Umás cousas tão sem graça...!
Não te enfades pois commigo,
Foi só p'ra bulir contigo;
Mas isto daqui não passa.

Mas o que é pura verdade,
E' que tive bem vontade
De chegar-me junto a ti,
Sómente p'ra perguntar-te
Que é que poudo causar-te
Tamanha tristeza assim.

E bem podias contar-me,
Que eu te prometto, calar-me,
E não dizer nada a ninguém;
Pódes fazel-o sem medo;
Costumo guardar segredo
D'outros, quanto mais de quem...?

Não percas pois o momento,
Oh! conta-me o pensamento
Que te affligia é mágoava;
Porque é que estavas tão triste,
Que nem se quer tu me viste
Quando eu junto a ti estava?

B.

BELLAS ARTES.

Apreciamos tanto o merecimento artistico das diversas e lindas musicas da composição do Sr. Joseph Fachinetti, hoje residente na provincia de Pernambuco, que não podemos deixar de dar noticia anticipada ás nossas leitoras de duas magnificas composições deste artista. A primeira, elle vai brevemente enviar a S. M. o Sr. D. Pedro V, Rei de Portugal: é uma ouvertura sentimental que encerra musicalmente todas as circumstancias do fallecimento de Sua Augusta Mãe, a Sra. D. Maria II. Consta-nos que a referida ouvertura virá de Lisboa impressa, tambem para piano: o titulo é o seguinte: — AS ULTIMAS PALAVRAS, OU O DERRADEIRO ADEUS de S. M. a Sra. D. Maria II, Augusta e Finada Rainha de Portugal, á Sua Augusta e adorada Familia, e a Seus subditos em geral. GRANDE OUVERTURA SENTIMENTAL COM MUSICA MILITAR, composta, e offerecida á S. M. o Sr. D. Pedro V, Rei de Portugal, com prévia e especial licenca de S. M. El-Rei D. Fernando.

Essa ouvertura indica musicalmente:

1.º — Agitação geral pelo receio da proxima morte de S. M. Fidelissima.

2.º — Dor acerba de seu augusto Esposo, dos

Principes seus queridos filhos, de toda a corte, e população de Lisboa.

3.º — Entrevista assás tocante de El-Rei D. Fernando com Sua Real Esposa, ultimos conselhos e recommendações de Seu animo esclarecido. Despedida fatal entre lagrimas e caricias a SS. MM. El-Rei, e Imperatriz do Brasil. Viuva.

4.º — Surpreza e consternação geral dos habitantes de Lisboa com a noticia da morte da virtuosa Rainha; Beija-mão solemne do Real Cadaver, annuncio publico da desgraça nacional. Dor unanime revelada nas manifestações espontaneas de todas as opiniões, acordes em lamentar tão sentida e irreparavel perda.

5.º — Coincidencia infeliz da chegada ao porto de Lisboa, após tão lugubre scena, da Princeza de Joinville, augusta irmã e amiga predilecta da fallecida Rainha: doloroso estado da Princeza ao saber da noticia fatal.

6.º — Segundo beijamão respeitoso ao Real Cadaver. Prestito funebre e solemne do paço para o jazigo de S. Vicente de Fóra. Acompanhamento voluntario de grandissimo numero de cidadãos de todas as classes e gerarchias da Sociedade Lisbonense pelo amor de todos os subditos

á Soberana fallecida. Marcha real fúnebre pelas musicas militares. Aparecimento da pomba, á chegada do real prestito á igreja patriarcal, sobre o caixão em que estavam encerrados os restos mortaes da augusta Finada.

7.º — Solemnidade importante dos actos religiosos, pranto saudoso de todos os circumstantes ao encarecer o sarcophago real. Deposito do Regio Cadaver no jazigo de seus magnanimos Antepassados. Passo real fúnebre dobrado, pelas musicas militares. Súspiros e gemidos de dor geral intima, nas ultimas honras fúnebres.

Consta-nos mais que o referido compositor Joseph Fachinetti se achá occupado na composição de uma nova Missa em musica á seis vozes e cõro, em que entra interpoladamente a musica militar, e terá o augusto título de — D. ISABEL,

PRINCEZA IMPERIAL DO BRASIL — devendo ser executada pela primeira vez nesta cõrte, assim que estiver prompta e copiada. O mesmo compositor tem offerecido ao Governo Imperial as duas composições por intermedio do Exm. Sr. Presidente da Provincia de Pernambuco, no caso que SS. MM. Imperiaes se determinem a ouvir sua execução.

Em nosso poder temos uma linda modinha composta tambem pelo Sr. Fachinetti, que nos fez della presente — *amei uma virgem de faces de neve* — é a poesia: brevemente será publicada, e teremos a satisfação de dar-mos á ás moças assignantes, assim como outras composições mais do mesmo aator que nos devem chegar brevemente.

MINHA ULTIMA NOITE.

I.

Eis aqui um caso em que o coração não sabe se hade perdoar, e se quer criminar não encontra a quem, salvo se quizer culpar a propria natureza.

Era um moço, bello, elegante, dotado de todos esses encantos que sabem prender os olhos e de todas essas virtudes que sabem encantar a alma.

Arrebatado, pela fatalidade, da casa de seus pais aos quize annos, elle viu-se repentinamente transportado a um mundo que lhe era estranho e que de modo nenhum se accomodava com sua natureza. Tendo perdido seus pais o unico arrimo a que se podia recostar sem medo de cair, as unicas affeições a que se podia dirigir sem o receio de um desapontamento, os unicos corações nos quaes elle se julgava com direito á occupação de um logar; elle se via, quando menos o esperava, atirado em um circulo de caras estranhas, e rodeado de entes a quem não conhecia e que não o comprehendião.

A situação era horrivel! Faltando-lhe as affeições que lhe erão caras, separado dos unicos seres que sabião comprehender-lhe a alma e que advinhavão-lhe os pensamentos, elle pelo contrario via apenas em redor de si rostos desconhecidos e peitos frios aos sentimentos exaltados, que lhe brotavão no coração, e indifferentes aos vôos de sua imaginação que vinha rebentando viçosa e esmaltada como uma rosa de abril.

II.

Ora, o coração é o passarinho que eu conheço que gosta de voar mais alto, se nos velhos inda elle é assim, o que não seria em um pobre moço de 15 annos que chorava a rapidez de sua meninice passada e a virgindade de seu domestico, que tudo havia desaparecido como se tivessem sido enterradas na mesma sepultura de seus pais.

Isolado no meio da criação, como uma arvore secca no cimo de uma montanha, elle sentia um pensamento arroubado queimar-lhe as fibras do cerebro e uma inspiração celeste arroubar-lhe o coração para regiões aereas, desconhecidas, mas encantadoras e lindas.

Deu-se o caso, nem que fosse de proposito, que elle visse uma bella menina de 16 annos quando muito, linda como uma estrella perdida na amplidão do Céu, e pallida como uma açucena a desabrochar. Como era muito mais que natural, amou-a com todo o fervor dos primeiros annos, com todo o fogo da primeira paixão, com toda a santidade de uma alma cheia de virtudes, de um coração isempto de emoções.

Passarão-se tempos, o que elle soffren é acima de toda a descripção: tinha resumido naquella pobre moça toda a crença de sua religião, todo o futuro de sua vida, a recordação de seu passado, a imagem santificada das saudades de sua mãe a quem elle adorava com toda a pureza de um coração virgem.

E no cabo, em uma bella noite de reunião recebe a participação formal, um solenne convite para assistir ao baile do casamento de sua apaixonada que devia ter logar no dia seguinte!

III.

Com effeito elle lá foi, e não sei se por acaso ou de proposito, ou para symbolisar na roupa o luto em que trazia a alma, foi o unico que appareceu no baile todo vestido de preto!

Pallido, os olhos encovados pela insomnia, as faces abatidas pelo soffrimento, o olhar incerto, a respiração difficil como a de um homem sujeito á influencia de uma surpresa repentina ou de uma grande dor, elle passeava pela sala desvairado e tímido. Dançou apenas tres contra-danças, uma das quaes com a noiva; o que lhe disse, não podemos dizel-o, porque o não sabemos; mas o facto é que a pobre moça havia cho-

rado todo o dia e todo o tempo do baile. Talvez alguma fôr de cabeça ou de dentes....

Abandonado o pobre desgraçado, sob o peso esmagador d'aquelle desprezo tão pungente, d'aquelle decepção tão amarga, concentrou-se ao principio em sua desgraça, e se desprendia alguma palavra, era uma queixa, e com os olhos fitos constantemente em um — amor perfeito — que lhe marcava uma pagina do livro que-lhe seia cessar.

Desenvolveu-se-lhe então a paixão pelo estudo; lia todo o dia, não sei se para mais tempo contemplar aquella marca deliciosa; ou se realmente pelo gosto de aprender.

IV.

Mas o coração do homem é como o perfume das flores, gosta muito dos beijos do sol até que se fane exhausta de belleza e amor!

Com todos os dotes do corpo que mais podião prender a attenção, e com todas as qualidades de espirito que mais podião excitar o amor e o interesse, passeava pelo meio dos salões despercebido e indolente em sua pallidez quebrada e em seu andar altivo e languido ao mesmo tempo. Corria já rumor de seu talento, e os louros de poeta, se os não merecia em realidade, alguns já lh'os haviam conferido.

Costumado por successivas decepções e por um longo espaço de sofrimento, tinha dado o caracter de indifferença á sua physionomia e um ar de insolencia e arrogancia a seu descansado andar.

Por uma dessas casualidades, que não são difficéis, uma moça apaixonou-se por elle. Era uma linda menina de 16 annos, bella como um raio do sol á madrugada, pura como um seraphim celeste. Seu semblante pallido e triste tinha um

ar de melancolica expressão, a pallidez de suas feições contrastava com o azevichado de seus cabellos e com o brilho de seus olhos; sua voz era ternã e melodiosa como sons de harpa tangida na solidão. De uma natureza docil e contemplativa, ella julgou encontrar a realisação de seu ideal de fantasia na personificação d'aquelle moço. Amou-o como pode amar em anno que desperta de seu somno de innocencia para sorrir aos encantos de mundo.

Mas o coração de Alfredo era um templo renegado para aquella religião tão pura de sentimento e tão verdadeira de expressão. Não podia amal-a, ou se o podia, não queria comprehendel-a, talvez por uma vingança mal entendida. Depois de seu primeiro amor, havia errado de paixão em paixão, e nunca podera assentar em uma verdade.

Em uma noite de baile encontrarão-se Lucia e Alfredo. Ella toda embebida em contemplação, elle frio até a estupidez em desattende-la.

Depois de longos encontros, elle chegou-se para um circulo de senhoras conhecidas e despediu-se muito formalmente, dizendo partir no dia immediato para a Europa, e que seria a ultima noite que passaria no Rio de Janeiro. Lucia estava presente, cada palavra de Alfredo era um punhal que lhe rasgava o peito, e quando elle dirigiu-se a dar o ultimo adeus ás senhoras que ali estavam, ella desmaiou, e só poderão perceber-lhe no murmuro dos labios esta expressão dorida de seu tormento — Minha ultima noite! — Alfredo sorriu-se e partiu...

E' assim... Bem disse Alexandre Dumas — ha moças, que se tivessem apparecido em outra occasião e em outras circumstancias, podião fazer a felicidade de um homem!

B....

CORREIO DOS SALÕES.

O mez de setembro vai correndo com a ligeireza de uma cousa cobigada. Pensa elle que temos muito interesse em entrarmos no calor. E o mais é que elle já chegou. Vai abrir-se uma nova era na vida de nossos salões, acabão-se os bailes, as festas, as reuniões, os soirées, entra o calor carrancudo, merencorio, abafado como se fizesse muito frio, com o seu sequito de chapéus de palhinha, de abanos, leques, sorvetes, e tudo o mais que é fresco.

Em breve acabar-se-ha o reinado das floristas, das modistas costureiras de inverno, abaixo M.^{mo} Stehs e Créten, chega o reinado dos gelados, das limonadas, dos banhos, vivão os fabricantes de leques, viva o Francioni. Agora mudão-se os saloes para as casas dos sorveteiros, trocão-se as flores pelas esteirinhas da India; e qualque, vestido de preço por um pouco de ar.

Os quartos das casas, já não tem serventia, passão-se as camas para logar mais arejado, des-

presão-se as camas de estifo por qualquer sofá, a propria mesa de jantar serve para passar-se a sésta.

Não tardão a encarecer os lenços, anda a gente com feições de destillador, ou tampa de chaleira quando a agua está fervente.

Como é natural chovem as innovações, as estações são as maiores revolucionarias que eu conheço, produzem modificação nas modas, desnaturalão os costumes que já se haviam adoptado. Dizem até por ahi, que se pretende organizar uma sociedade em comandita, para deitar abaixo os fogões de ferro e substitui-los por fogões de palhinha, acabarem com o fogo e a fumaça, cozinhando as comidas, por meio de uma fermentação de gelo: segundo consta, breve está a chegar uma colonia de chinezes cujo unico fim, será soprar a humanidade acalorada.

Enfim, só se pensa no calor. O Rio de Janeiro mudará-se-ha dentro de pouco tempo para Petropolis. Fechar-se-hão os theatros, terão as

tesouras tempo de sobra para cortarem vestidos para o ex-Provisorio, M.^{mo} Charton irá naturalmente para Cabo-Frio tomar ar, e M.^{mo} Casaleu, é muito natural que prepare caravana para os Andes. Mas Deus não hade permittir que fiquemos mergulhados em uma insipidez mortal. M.^{mo} Charton hade continuar a encantar-nos; mas previna-se, para que a sua voz não faça fiascos, como o gaz, e deixo a gente no meio de um bello pedaco — com o gosto no gozo, como se costuma dizer.

E o grande caso é que tudo está quente, só parece inverno pelo grande numero de casamentos que se effectua quasi todos os dias: parece que não estão dispostos a esperar pela quadra legitima.

A proposito de casamento. Fomos testemunha de um, onde a noiva fez-se mais realçar por uma linda grinalda de flores de larangeira naturaes. Havia nellas um — que — de mais verdadeiro e

real naquella singeleza e naturalidade que parecia exprimir um sentimento de mais verdade.

Dos casamentos saltemos á instituição de caridade. Verdade seja que muita gente quer que o casamento seja uma verdadeira obra de caridade — não seja ou quem o diga. As nossas leitoras já devem saber que na Bahia fundou-se uma associação de Senhoras de caridade — sem titulo, e que o Dr. Wanderley, presidente da mesma provincia, obteve de S. M. a Imperatriz, que se prestasse a ser protectora da mesma sociedade. Estimamos extraordinariamente que se vulgarissem essas instituições pias. Honra pois ás senhoras da Bahia. Enfim o que é real, é que até o proprio *Correio dos Saloes* vai correndo com o calor os casamentos e as obras de caridade, como quem foge do sol, de um importuno maçante, ou de um beleguim de policia.

Bejamin.

Arte de ouvir.

Possuimos muitos tratados sobre a arte de fallar; mas ainda não temos nem um sobre a arte de escutar. Nem sempre ha precisão de fallar; porém prestar ouvidos é quasi sempre um dever: a propria natureza parece prescrever-nos esta regra dando-nos dous ouvidos e uma só boca. Um velho sabio da Grecia dizia: « Antes fere do que não escutes. » Ouvir com pouca attenção ou não ouvir tudo, é uma offensa feita ás leis da polidez, e até mesmo uma alta traição á sociedade.

Nada ha que se estime mais e que mais agrade, que saber-se que se é ouvido attentamente. Um velho deixou uma grande herança a um joven que não era seu parente, só porque este sempre estava prompto a ouvir-o com attenção.

Maximas.

— Quando o casamento não é um tratado do coração, representa o acto mais prosaico e mais triste do mundo; o contracto celebrado não passa de um testamento de morte.

— O ciúme grosseiro é uma desconfiança do objecto amado; o ciúme delicado é uma suspeita de si mesmo.

— Em amor, a bondade faz ingratos; a docilidade, tyrannos; a boa fé, perfidos.

— Uma moça nas garras de um velho, é um passaro nas mãos de um menino.

— Os maridos ciuhtentos são como as rolhas: indicação onde ha bom vinho.

— Os homens dizem das mulheres tudo quanto lhes agrada; as mulheres fazem dos homens tudo quanto querem!

— Falta-se mal das mulheres pela mesma razão de não se atirarem pedras senão ás arvores carregadas de bellos fructos.

— Quando se ama, a imaginação caminha além da realidade.

— Conversar a sós acerca dos mysterios do amor, é brincar com fogo sobre um barril de polvorá.

CHARADA.

Estou sempre no final,	2
Mas denoto sentimento;	1
E no baralho de cartas	
Tenho grande valimento.	1

Branças, azues, encarnadas,
Involtas sem distincção,
Estimadas das meninas
Andamos de mão em mão.

A charada do n. 38 é: *Rosario*.



Acompanha este n.º 30 um padrão de bordados.